

## Desaceleração global ameaça retomada americana

24/07/2014

Por **Bernard Condon** | **Associated Press**

No momento mesmo em que a economia dos EUA se fortalece, outros países ameaçam retardá-la.

Empresas americanas estão criando vagas no ritmo mais forte desde o fim da década de 90, e a economia do país finalmente parece pronta para crescer a um ritmo saudável. Mas a fragilidade do crescimento de França, Itália, Rússia, Brasil e China sugere que o velho chavão "quando os EUA espirram, o resto do mundo pega pneumonia" pode ter de ser mudado.

Talvez o resto do mundo é que vai espirrar desta vez, e os EUA é que vão pegar pneumonia.

Essa é a opinião de David Levy, de 59 anos, diretor do boletim Levy Forecast, especializado em análise econômica, inaugurado por sua família em 1949 e com um histórico invejável. Quase dez anos atrás, o economista advertiu que o mercado americano de imóveis residenciais era uma bolha pronta para estourar, e que os prejuízos decorrentes empurrariam o país para uma recessão tão grave que o Federal Reserve (Fed, o BC dos EUA) não teria opção senão reduzir as taxas de juros de curto prazo para o nível mais baixo de todos os tempos, a fim de estimular a economia. Foi exatamente o que aconteceu.

Agora, Levy diz que tudo indica que os EUA entrarão, em 2015, numa recessão desencadeada pelo desaquecimento das economias de outros países, pela primeira vez na história contemporânea.

"Para o resto do mundo, a recessão... será pior do que a última", diz Levy, cujo avô previu o colapso da bolsa de 1929 e cujo pai foi elogiado por décadas por antever viradas do ciclo econômico, muitas vezes contra a opinião corrente.

Sinais alarmantes já se fazem sentir. Ao contrário dos bancos americanos, os bancos europeus ainda estão às voltas com um excesso de empréstimos não quitados herdados da crise financeira. O endividamento das famílias e das empresas do continente está alto demais. E o nível de confiança está caindo, o que ficou evidente na venda em massa de ações, neste mês, puxada pelo temor com a situação do maior banco português.

Na China e em outros emergentes, o velho problema de depender dos endividados americanos para comprar seus produtos a cada ano, em vez de vendê-los, em quantidade suficiente, à sua própria população, se traduz num número excessivo de fábricas subutilizadas. "O mundo espera pegar carona na força do consumidor americano", diz o economista Eswar Prasad, da Universidade Cornell, "mas o consumidor americano não está em condições de assumir esse fardo".

Os mercados emergentes se restabeleceram mais rapidamente da crise financeira do que os países ricos, mas Levy acha que a grande causa desse fenômeno é a mesma que piorou as coisas. As empresas no exterior injetaram dinheiro em fábricas, máquinas e prédios para fabricar coisas com base no pressuposto de que as exportações, depois de se recuperarem dos níveis recordes de baixa da recessão, continuariam a crescer ao ritmo anterior. Mas não cresceram, e isso é um grande problema, diante dos valores excessivos investidos também pelas empresas para aumentar a produção antes da crise.

Levy diz que os EUA estão mais vulneráveis a problemas externos do que as pessoas imaginam. As exportações responderam por 14% da produção da economia americana no ano passado, ante 9% de 2002. Parece uma boa variação, mas ao mesmo tempo torna o país mais dependente do crescimento mundial, que, por sua vez, depende mais dos mercados emergentes. Esses mercados geraram 50% da produção mundial no ano passado, em relação aos 38% de 2002.

Levy acha que a origem dos males econômicos do mundo é muito mais complexa e profunda do que pensam os investidores focados no colapso do mercado imobiliário. O problema não se resume ao fato de os americanos terem assumido contratos de crédito imobiliário que não tinham condições de pagar. Estaria, isso sim, no excesso de empréstimos de muitos tipos tomados em muitos países, tanto por empresas como por pessoas físicas. Esse excesso de endividamento começou há tanto tempo - Levy o atribui à década de 1980 nos EUA - que as pessoas perderam a noção de quanto é prudente assumir em termos de dívidas.

Muitos economistas, por exemplo, se impressionam com o fato de que a dívida assumida pelas famílias americanas caiu dos 130% da renda líquida anual, de antes da crise, para 104%, o que sugere que as pessoas não estão se endividando demais. Mas qual é o nível de endividamento saudável? Levy não tem certeza, mas suspeita que é muito menos. Ele observa que, em 1985, correspondia a 74% da renda da população.

Se tudo isso implica uma recessão nos EUA já é outra questão.

Steven Ricchiuto, economista-chefe da Mizuho Securities, também acha que as pessoas não estão percebendo os sinais de uma nova desaceleração mundial, mas considera que a economia americana, de qualquer maneira, continuará a crescer. Daniel Alpert, autor de um livro soturno chamado "Age of Oversupply" (A Era da Superoferta, em tradução livre) sobre o excedente de produtos de exportação de países estrangeiros que tanto preocupa Levy, também considera que os EUA não vão entrar em recessão. E Prasad, da Universidade Cornell, que vê muitos dos mesmos problemas apontados por Levy, suspeita que as economias emergentes podem já ter "alcançado o fundo do poço", o que sugere que os investidores que estão comprando suas ações agora podem não ser tão tolos, afinal.